

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS ATRAVÉS DA LITERATURA SURDA

Cassio Pereira Oliveira¹

RESUMO

As produções culturais dos sujeitos surdos refletem os atravessamentos e evidenciam as vivências e percepções desses indivíduos. Muitas dessas produções, que por muito tempo foram invisibilizadas devido à proibição do uso da língua de sinais em ambientes acadêmicos, emergem em diversos registros contados, escritos e filmados, como forma de resistência desse povo e vêm ganhando repercussão e reconhecimento. As produções literárias em língua de sinais sempre existiram nas comunidades surdas, nelas encontramos artefatos culturais que compõem as identidades e legitimam as especificidades do Ser Surdo, além de demarcarem fronteiras linguísticas e assumirem o papel de difusoras das expressões artísticas provenientes das experiências visuais. Tendo por base pesquisas realizadas no campo dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, podemos citar autores (surdos e ouvintes) que se destacam nessa linha, são eles: Hall (1997), Hessel (2006), Karnop (2006, 2010), Lunardi (2006), Mourão (2011), Perlin (1998), Sutton-Spence (2008), Quadros (2004), Strobel (2008), Vieira-Machado (2007) dentre outros. O foco do estudo está na contribuição que as produções literárias em línguas de sinais exercem para que se constitua a cultura e identidade em pessoas surdas rompendo com discursos hegemônicos e normatizadores sobre esses indivíduos ressignificando jeitos de ser, perceber, compreender e produzir sobre o mundo que os cerca.

¹ Graduando em Licenciatura Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Tradutor e Intérprete de Libras – Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI). E-mail: cassio.tils@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Literatura, no decorrer da história, sempre se apresentou como mecanismo de produção de identidades e processos culturais. Para além de representações dos contextos sociais as quais estavam inseridas as produções literárias, existiam sujeitos que dialogavam na perspectiva da disseminação de novos saberes e das diversas artes do viver.

A literatura surda surge como um movimento de resistência para estabelecer fronteiras linguístico-culturais e de identidade do povo surdo, rompendo com discursos centralizadores e possibilitando o contato intercultural entre sujeitos surdos e ouvintes, bem como a legitimação de uma cultura proveniente de experiências visuais.

O objetivo desse estudo não será categorizar as representações dos indivíduos surdos como algo fechado e de localização demarcada. Optei em dialogar no sentido de uma produção híbrida e fronteira. Vale ressaltar que, conforme aponta Heidegger “a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”. Nessa mesma linha Karnopp (2008) disserta que “a cultura surda está presente entre nós, se apresentado talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca um outro lugar e uma outra coisa, imprimindo outras imagens e outros sentidos daqueles até então existentes ou determinados pela cultura ouvinte.

O artigo aborda de maneira sucinta a constituição da identidade e da cultura surda através da literatura em língua de sinais e busca em estudos realizados ora por surdos, ora por ouvintes que adentram o universo dos Estudos Culturais a fim de encontrar subsídios que dialoguem com a pluralidade cultural sem estabelecer dentro dela relações de oposição ou hierarquia.

Os dados obtidos para elaboração do texto serão de textos publicados por pesquisadores a fim de estabelecer relações entre a constituição de identidades através das produções literárias descrevendo aspectos que legitimam o empoderamento dos sujeitos surdos através do contato com essas produções.

O registro da Língua de Sinais e sua difusão nos diversos contextos

A Língua de Sinais Brasileira possui como diferencial sua modalidade e por meio de recursos viso-gestuais seus usuários compartilham e produzem seus discursos. Reconhecida como língua a partir da Lei 10436/2002 regulamentada pelo Decreto 5626/2005 a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outros recursos de expressão a ela associados tornam-se meios legais de comunicação e expressão.

Para situar o que entendo por Língua de Sinais Brasileira cito Quadros (2008), a autora disserta acerca do estereótipo gerado a respeito do status da Libras enquanto língua e elenca aspectos linguísticos comuns a todas as línguas:

Tal língua apresenta todos os níveis de análise de quaisquer outras línguas, ou seja, o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional).

Nesse sentido, parafraseando Segala (2008) o sistema linguístico da Libras, sua modalidade e estrutura gramatical são capazes de produzir sentidos através da produção de seus usuários, logo o discurso produzido pelos corpos e as expressões faciais que compõem sua gramática.

Com relação ao registro da Libras na modalidade escrita é feito na língua portuguesa conforme preveem as legislações supracitadas. Há nesse sentido uma contradição linguística onde os sujeitos surdos se expressam e produzem sentido por uma língua de modalidade gesto-visual e devem registrar em outra de modalidade auditivo-oral. Tal fato se justifica pela prerrogativa de que o surdo deve receber uma educação bilíngue, que contemple tanto a Libras, quanto a Língua portuguesa, esta como segunda língua.

Sobre esse antagonismo intermodal destaca a pesquisadora Stumpf (2005):

A principal dificuldade dos surdos, quando escrevem em uma língua oral, não é o léxico e sim a sintaxe. Como é pela sintaxe que a língua se define, pois a função geradora está contida no campo sintático, a dificuldade de adquirir a sintaxe da língua falada é o que acontece de mais grave na escrita do surdo, o que faz com que seus textos sejam muitas vezes incompreensíveis (p. 44).

Recentemente pesquisas foram desenvolvidas acerca de uma sistema em que se é possível registrar todas as minúcias da língua de sinais. A escrita de sinais através do Sistema SignWriting² é a forma de registro que possibilita esse diálogo entre a produção linguística e a escrita. Poucos são aqueles que se apropriaram e raras são as obras literárias produzidas que o utilizam desse sistema.

Para as publicações com sinais escritos têm ganhado repercussão e proporcionado a Língua de Sinais uma tradição na arte de contar e recontar histórias, bem como alcançado universos literários de diversos contextos (etários, sociais e econômicos) desempenhando um trabalho embrionário desse sistema de escrita.

Embora poucos espaços trabalhem com o sistema SignWriting há outras possibilidades de manifestação literária pelos surdos. O uso das tecnologias como filmadoras e softwares vem sem destacando no registro da língua de sinais, esses recursos ampliam as possibilidades de apropriação e disseminação das possibilidades artísticas e expressões da língua. Há também traduções feitas para o português dessas produções que possibilitam um contato interlingual das culturas envolvidas, rompendo fronteiras linguísticas e proporcionando o contato intercultural.

A pesquisadora Karnopp (2008) na disciplina de Literatura Surda promovida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) catalogou algumas dessas produções que legitimam a diferença contida na literatura em língua de sinais e que serão abordadas nos tópicos a seguir, por fim farei um recorte com as narrativas surdas capixabas, tema que foi abordado na dissertação da pesquisadora Vieira-Machado (2007).

Traduções de textos em Língua Portuguesa para a Libras

O campo da tradução está em constante diálogo com as produções literárias em língua de sinais. Em sua pesquisa de mestrado Müller (2002) aponta a tradução como um processo de trabalho intensificado de constantes negociações entre uma língua e outra, ao relatar as histórias surdas. A autora ainda alerta sobre a questão das modalidades das duas línguas e salienta que no processo de tradução sempre há perdas e ganhos, haja vista que enquanto a produção original provém de uma língua visual-espacial que é traduzida para a uma língua oral-auditiva.

² É o sistema SignWriting que pode registrar qualquer língua de sinais. Contém as informações [HTTP://www.signwriting.org](http://www.signwriting.org)

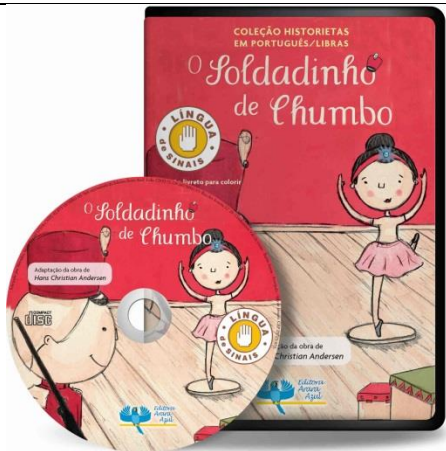
Encontramos na íntegra diversos registros literários (escritos e/ou filmados) em língua de sinais. Nessa perspectiva merecem destaque as publicações da Editora Arara Azul que disponibiliza em seu acervo materiais bilíngues (Libras-Português). Dentre os tipos tradutológicos contidos, destacam-se a tradução interlingual, intermodal e intersemiótica.

Segundo Jakobson (apud Segala 2010, p. 28) a **Tradução interlingual** é definida como a interpretação de uma língua para outra. Na tradução de Língua Portuguesa para Libras, a tradução interlingual não traduz a especificidade envolvida, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades, portanto Intermodal.

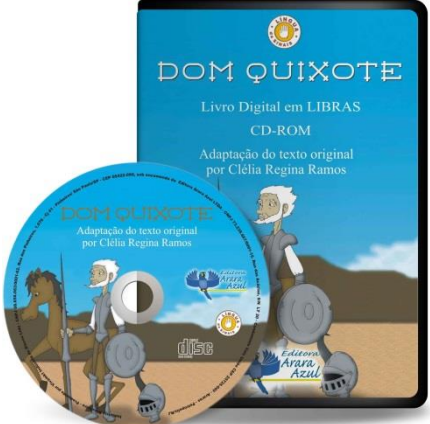
Em se tratando de Tradução Intersemiótica Jakobson (apud Segala 2010) define **Tradução intersemiótica** em seu artigo *Sobre os Aspectos Linguísticos da Tradução* como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro, transferindo a forma e a tradução entre um sistema verbal e um não-verbal, como por exemplo, de um texto para ícones, desenhos, fotos, pintura, vídeo, cinema e outros.


O tradutor nesse contexto (inter)linguístico-cultural deve, portanto, conhecer as particularidades das línguas envolvidas, bem como variações regionais, sociais e históricas, além de conhecimentos específicos sobre a tradução propriamente dita.

Voltando aos materiais bilíngues presentes no site da Arara Azul³, podemos identificar alguns itens voltados ao público infanto-juvenil conforme os quadros a seguir:

O Soldadinho de Chumbo	
	Autor: Hans Christian Andersen
	Ano de Publicação: 2011
	ISBN: 978-85-89002-69-1
	Dados do produto: Produto composto por CD-ROM e Livreto em Papel: O livro digital em CD-ROM Português / Libras é interativo e colorido. O livreto em tinta com 24 páginas foi idealizado em preto e branco para que seja colorido e personalizado pelos leitores.

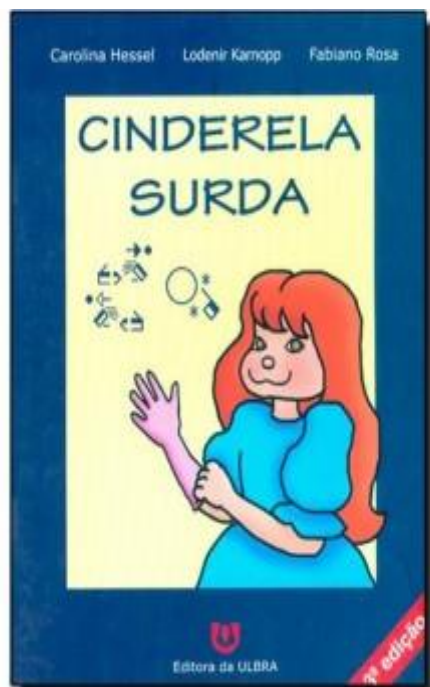
³ <http://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/3> Acesso em Setembro de 2015.

Dom Quixote	
 <p>*Imagem meramente ilustrativa</p>	Autor: Miguel Cervantes
	Ano de Publicação: 2009
	ISBN: 978-85-89002-57-8
<p>Dados do produto: Material Bilíngüe contendo: Livro Digital em CD-ROM. Contaçõo de história com legenda opcional. Adaptação do texto por Clélia Regina Ramos. Tradutores para a Libras: Flávio Milani e Gildete Amorim.</p>	

Alice para crianças	
 <p>*Imagem meramente ilustrativa</p>	Autor: Lewis Carroll
	Ano de Publicação: 2007
	ISBN: 978-85-89002-20-2
<p>Dados do produto: Texto traduzido e adaptado por Clélia Regina Ramos e ilustrado por Thiago Larrico. Tradutores para a Libras: Janine Oliveira e Toríblio Ramos Malagodi. Supervisão da Libras: Luciane Rangel Livro de 24 páginas ilustrado + CD-ROM bilíngüe Português Escrito/Libras e história contada em Libras.</p>	

Na categoria de livros produzidos em Escrita de Sinais temos, conforme aponta Karnopp (2008) outros materiais voltados à literatura em língua de sinais. O quadro a seguir exemplifica:

Cinderela Surda



Autores: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp

Ano de Publicação: 2007

ISBN: 978-85-7528-072-0

Dados do produto: O livro Cinderela Surda é o primeiro livro de literatura infantil do Brasil escrito em língua de sinais. O livro Cinderela Surda é uma versão do tradicional conto que insere elementos da cultura e identidade surda. Essa releitura inédita da história é acompanhada da escrita dos sinais (SW), ilustrações e uma versão em português. Voltada para o público surdo infantil, a obra é o resultado da pesquisa desenvolvida por Lodenir Becker Karnopp, Caroline Hessel e Fabiano Rosa.

Poesia em Língua De Sinais

Como afirma Quadros e Sutton-Spence (2006) o prazer é um elemento muito importante da poesia em língua de sinais que precisa ser considerado. Entretanto, muito da poesia é também – em algum nível – empoderamento dos povos surdos. Mesmo o prazer e o entretenimento proporcionados pela poesia podem ser vistos como um tipo de fortalecimento para essa comunidade linguística. Esse empoderamento pode ocorrer simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração.

As autoras, que são referências em pesquisas sobre tradução e poética em língua de sinais, abordam aspectos que legitimam a identidade dos sujeitos surdos que são identificados na

poesia, além disso, dissertam sobre a complexidade dessas identidades, levando em consideração que os surdos vivem em ambientes multiculturais e bilíngues.

Os poemas sinalizados é um gênero utilizado pelo povo surdo⁴ com objetivos diversos. Nesse momento me proponho a desvelar peculiaridades encontradas nessas produções que visam estabelecer relações críticas entre a vivência e a experiência desse grupo linguístico. Concordo com Sutton-Spence quando narra:

Muitas pessoas surdas foram ensinadas a negar sua surdez e tentar passar-se por pessoas ouvintes por muitos anos. Certamente, o alvo de alguns setores da sociedade foi banir completamente a surdez, apresentando o mundo ouvinte e seus valores como a única escolha para pessoas surdas (por exemplo, Ladd 2003; Pista, Hoffmeister & Bahan 1996). Diante de tal ameaça à identidade pessoal e cultural dos surdos, os poemas que descrevem e validam a experiência surda são fortemente usados para o empoderamento do povo surdo (2006, p. 116).

Conforme exposto os poemas em língua de sinais evidenciam especificidades dos sujeitos surdos visando romper com padrões normativos hegemônicos estabelecidos socialmente. Dentre as peculiaridades podemos observar a ênfase dada nas experiências sensoriais – o som e a ausência dele. Vale ressaltar essa particularidade do som não é vista pelos usuários das línguas de sinais como anormalidade ou a falta de um dos sentidos, mas uma diferença que os define, que ressignifica modos de interpretar e perceber o mundo. Nas produções de poetas surdos a visão é o sentido colocado em evidência, reafirmando um dos artefatos culturais que são as experiências visuais que atravessam esses indivíduos no decorrer de toda vida. Assim destacam Quadros e Sutton-Spence:

As ideias de olhar e de ver, dos olhos e da visão são repetidamente tecidas em poemas sinalizados. Essas referências parecem tão comuns que levam um tempo de readaptação e de consideração para reconhecer suas significações. Colocar as imagens do olhar e da visão em poema na língua de sinais fortalece o poeta e a plateia, mostrando sua identidade visual (2006. p. 118).

Além da Experiência Sensorial as autoras elencaram outras características que compõem a poesia em língua de sinais: o lugar das pessoas surdas no mundo (o sujeito empoderado de

⁴ O povo surdo é o grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comum e pertencente às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão (Strobel, 2006, p. 46).

si, que pertence ao movimento de sua comunidade linguística e constrói seu sentimento de pertence herança cultural através de imagens visuais), a Experiência Bilíngue de pessoas surdas (as línguas de sinais, embora independam das línguas majoritárias de seus respectivos países, se relacionam e são constantemente influenciadas por elas, usando muitas vezes alguns recursos como empréstimos linguísticos no intuito de construir uma estética na produção), a Repetição (que são usadas com maior frequência e pode ser facilmente identificada, podendo de valor apenas estético ou de criação e correlação com outros parâmetros da língua de sinais servindo de estratégia para ligar ideias ou estabelecer conotações contidas no texto), Simetria e Equilíbrio (esse recurso causa na produção um efeito que visualmente agradável, usando as duas mãos simultaneamente o poeta cria imagens estruturadas e equilibradas proporcionando um efeito harmônico ao espectador), o Neologismo, também conhecido por “sutileza poética”, esse recurso potencializa a língua de sinais reforçando uma das características presentes em todas as línguas humanas: a produtividade, os sinais produzidos são conhecidos como “classificadores” ou “multicomponentes”.

Narrativas surdas capixabas: discursos de contraconduta e processos de subjetivação

No estado do Espírito Santo também houve registros da literatura em língua de sinais. As narrativas, que compõem a produção da dissertação da pesquisadora Vieira-Machado (2007) vêm com o intuito de romper discursos hegemônicos a respeito da pessoa surda, sobretudo o processo educacional no qual foram submetidos.

As narrativas surdas, além de fazerem parte daquilo que Hall apontou com estratégia discursiva para a construção da ideia de nação, é um dos fios que compõem a rede tecida das relações nas comunidades surdas. Ou seja, fios invisíveis que unem os surdos, constituindo-os como povo com seus contos, suas histórias e suas questões. As narrativas são experiências que passam de pessoa a pessoa e logo esse intercâmbio de experiências cria laços simbólicos, quando há grupos de surdos reunidos, conversando e narrando (Vieira-Machado 2007).

Além de desconstruir com o estigma clínico que categoriza o surdo como sujeito que necessitam de cura, as narrativas denunciam os episódios que compunham a trajetória escolar daqueles sujeitos revelando dispositivos de colonização e disciplinamento dos corpos.

As histórias narradas, dessa vez protagonizadas pelos surdos, descreviam as minúcias das ações sofridas nos ambientes escolares. A autora conta que dentre os surdos pesquisados houve um que marcou devido às estratégias de resistência utilizadas para subverter os procedimentos de governo no espaço escolar.

“Eu estudava numa escola com ouvintes. Brincava muito sozinho com as crianças, o que me deixava um pouco triste e isolado. A solidão me angustiava profundamente, afinal, as crianças ouvintes brincavam entre si e só se comunicavam apontando para mim. Eu deixava para lá. Brincava com meus brinquedos. Na época, eu estava na primeira série. Mas o que é primeira série? Como assim primeira série? Isso é só um exemplo. Eu não sabia do que se tratava. Perdido! Totalmente perdido!” (Vieira-Machado, 2007 p. 77).

A conversa entre a pesquisadora e o surdo, que durou cerca de duas horas, não apenas desvelou o sentimento do entrevistado configurando-o como vítima, no decorrer da narrativa outras considerações foram tecidas reafirmando quais artifícios usados por aquele sujeito o colocaram em condição de protagonista de sua história.

Fazendo um recorte da narrativa, o Miguel (nome fictício dado ao entrevistado), conta sobre as aulas que num dado momento se passava na classe junto aos alunos ouvintes, mas num certo dia uma classe especial com equipamentos até então desconhecidos deram início ao período de oralização que primava pelo treinamento fono-articulatório dos surdos e recusava o uso da língua de sinais como recurso de ensino.

A sala especial, embora não aceitasse a língua de sinais, era o local de encontro dos pares surdos. Em momentos de distração da docente, Miguel conta que os alunos dialogavam em gestos, pois ainda não haviam conhecido a Língua de Sinais Brasileira propriamente dita. Com o passar do tempo os dois alunos voltaram para a sala regular e naquele momento ambos começaram a criar gestos específicos para as letras do alfabeto em Português para haver uma organização na comunicação. Contudo, para surpresa dos dois, eram classes diferentes (uma estratégia utilizada para que não usassem mais gestos). A autora observa que:

A separação dos alunos entre si faz parte de uma das perspectivas do que é chamado de movimento de inclusão. Todo esse movimento foi dificultoso, quando eles tiveram que ir para sala dos ouvintes e lá, além de estarem com outros estranhos, foram separados, apesar de estarem cursando a mesma série. A teoria de Miguel é que isso ocorreu para dismantelar o movimento (Vieira-Machado, p. 93).

A história começa a mudar quando o Miguel encontra na rua um papel com o Alfabeto Manual, era diferente daquele criado por ele e por seus amigos. O sentimento de emoção e orgulho tomou conta e o levou a refletir sobre aquele achado decidindo convencer aos outros que aquele alfabeto era mais que um simples código, era a prova de que não eram os únicos surdos que existiam e que em outros lugares era usado aquele sistema para comunicação em sinais.

Sobre a aquisição da língua de sinais o Miguel fez as seguintes considerações:

Depois encontrei na minha cidade uma mulher que sabia sinais. Aqui! Fiquei maluco atrás dela. E perguntei como ela tinha aprendido e ela me respondeu que havia aprendido com o marido dela, que era surdo. Meus olhos arregalaram. O quê? Um surdo mais velho? Nossa!!! Então comecei a conversar com ele. Claro que tive dificuldade, porque ele sabia sinais e eu não. Fiquei confuso demais. E pedi para ele me ensinar. Combinamos, então, aos sábados de nos encontrarmos. E todo sábado eu ia para casa deles para aprender sinais. E foi assim que aprendi sinais! O marco da minha vida os 20 anos de idade” (Vieira-Machado 2007, p. 82).

A autora complementa que as narrativas surdas evocam a necessidade do humano de construir relações, estabelecer comunicação e constituir uma língua. A resistência aparece estampada de diversas formas nas narrativas, como uma possibilidade de construção de estratégias de sobrevivência no mundo ouvinte ou na escola (Vieira-Machado p. 89).

Muitas outras histórias estão presentes nesse texto que nos leva a refletir a respeito de práticas excludentes as quais os surdos estavam submetidos. Há no texto uma crítica ao modelo de inclusão imposto na realidade educacional do Brasil e do discurso mascarado que o próprio termo trás consigo.

Considerações Finais

Olhar as produções literárias em língua de sinais sob a ótica da diferença nos possibilita repensar sobre discursos monolíngues ou monoculturais que permeiam nossa sociedade. Embora seja curto o espaço de tempo em que a Libras foi reconhecida como língua, o fazer literário pertencente aos seus usuários tem se ampliado e ressignificando estereótipos criados a seu respeito.

A representação literária em língua de sinais possibilita aos surdos um contato com um discurso constituído a partir do autoconhecimento, transmite significados por meio dos seus signos, através dessas produções o surdo vai constituindo sua identidade e adentrando sua cultura. Conforme aponta Hall a respeito de processos de compartilhamento cultural:

(...) a cultura tem a ver com “significados partilhados”. (...) os significados só podem ser partilhados através de um acesso comum a linguagem. Assim sendo, a linguagem é central para o significado e a cultura e sempre tem sido considerada como repositório chave dos valores e significados culturais (Hall, apud Mourão 2007, p.110).

Através do contato com produções em sua língua natural, o sujeito surdo tem acesso a um universo de conceitos que serão integrados em sua prática discursiva, legitimando sua língua e identidade, modificando o contexto social do qual pertence.

Referências

CASTRO, N. P. Bandeira Brasileira In: Pimenta, N. **Literatura em LSB - Poemas, Fábulas e Histórias Infantis**. Yon Lee. 1999.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº 02, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos Linguísticos da Tradução**. In: Linguística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1975.

KARNOPP, L. **Literatura Surda**. Texto-base da disciplina de Literatura Visual do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina na modalidade à distância. Florianópolis-SC, 2008. Acesso em 10 de Agosto de 2015.

LUNARDI, Márcia. **Cartografando Estudos Surdos: currículo e relações de poder**. In SKLIAR, Carlos (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed Mediação, 1998.

Machado, F. A. **Simetria na poética visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação de Mestrado. PGET-UFSC. Florianópolis-SC: PGET/UFSC. 2013.

MOURÃO, Carlos. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. Dissertação de Mestrado. PPGE-UFRGS. Porto Alegre. 2011.

Quadros, R. M. de & Sutton-Spence, R. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. En: Quadros, R. M. (org). Estudos Surdos I. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul. 2006.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel, e QUADROS, Ronice Muller. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. In QUADROS, Ronice Muller (org.) Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

VIEIRA-MACHADO. Lucienne M. C. **Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história**. Dissertação de Mestrado. PPGE-UFES. Vitória. 2007.